

**Decolonialidade, Democracia e Arte da Pesquisa Sociopoética na Educação em Direitos Humanos**

*Decoloniality, Democracy and the Art of the Sociopoetic's Research in the Human Rights Education*

Maria do Socorro Borges da Silva  
Shara Jane Holanda Costa Adad  
**Universidade Federal do Piauí - UFPI**  
Teresina – Piauí- Brasil

**Resumo**

Este artigo analisa a potencialidade da abordagem sociopoética na prática de pesquisa e formação de professoras na Educação em Direitos Humanos no ensino básico, ressaltando sua perspectiva transversal de decolonialidade, democracia e arte do corpo numa estética da existência e de desobediência epistêmica. Resultante de um processo de pesquisa doutoral, interventiva e cartográfica, apresenta relevância científica, filosófica, metodológica e formativa de professores em contexto escolar de violação de direitos humanos, principalmente para a população de crianças, adolescentes e jovens da educação básica. É baseado nos estudos de Gauthier (2010, 2012), Adad (2011, 2014), Deleuze e Guattari (1997, 2010), Foucault (1992, 2014), Morin (2005), Santos (2010, 2018), Larrosa (2016), dentre outros desta vertente. A pesquisa constata a potência da Sociopoética na educação em Direitos Humanos.

**Palavras-Chave:** Educação. Direitos Humanos. Sociopoética.

**Abstract**

This article analyses potentiality of the sociopoetics' approach in the practice of research and training of female teachers on Education of Human Rights in the basic education, highlighting its transversal perspective of decoloniality, democracy and body' art in a stetics of the existance and of epistemic disobey. Resultant of na doctoral research process, interventive and cartographic, it shows scientific relevance, philosophical, methodological and formative of teachers in the scholar context of human rights violation, mainly to the population of children, tennagers and youthful of the basic education. It is grounded on the studies of Gauthier (2010, 2012), Adad (2011, 2014), Deleuze e Guattari (1997, 2010), Foucault (1992, 2014), Morin (2005), Santos (2010, 2018), Larrosa (2016), among others of that strand. The research finds the Sociopetics' power in education in Human Righths.

**Keywords:** Education. Human Rights. Sociopoetics

## **Introdução**

Num tempo de tantas incertezas, no qual a própria ciência busca se reinventar diante da diversidade e da pluralidade de problemas da vida contemporânea, a Sociopoética nos chega como uma abordagem que busca contemplar muitos dos nossos desejos, causando estranheza, curiosidade e, para alguns ortodoxos, dúvidas, por seu caráter descolonizador da ciência considerada clássica europeia. Daí, uma necessidade de esgarçar mais essa temática, pois tal abordagem parece cumprir aquilo que Deleuze (2013) denominou de “filho monstruoso gerado pelas costas”, ao considerar a necessidade que todo autor tem de passar por espécies de quebras, desconstruções, que lhes causam vertigens, desterritorializações, mas também certo prazer.

Assim, essa abordagem, como um estilhaçamento do próprio espelho, produz a descolonização do saber instituído e normatizado pelo modelo de ciência, cujo viés tornou-se eurocêntrico. Como um novo ‘Frankenstein’, a Sociopoética cria possibilidades, principalmente para aqueles que foram invisibilizados pelo paradigma de ciência dominante. Assim, quebra com o modelo que esqueceu dos sentidos da vida, frio na sua capacidade de escutar, tocar, sentir, cheirar, enfim, “corozonar” (sentir-pensar), como destaca Santos (2018, 2010), quando se refere à “violência epistemológica” produzida pelo eurocentrismo científico que reduz outras culturas a objeto de exploração, com a destruição de outros conhecimentos, submetendo relações e regiões do mundo à lógica de capitalismo global, produzindo uma ciência arrogante que só valida conhecimentos alternativos na medida em que pode canibalizar o outro, o diferente. Nesta sociedade caótica, de sujeitos que parecem “perdidos” (MORIN, 2005, p. 327) pela hiperespecialização dos saberes disciplinares, são desafiadoras as tentativas inter e transdisciplinares, pois exigem novas abordagens que contemplem a perspectiva epistêmica.

Assim, a Sociopoética se apresenta como abordagem filosófica e científica híbrida, ancorando-se no paradigma da teoria da complexidade de Edgar Morin (2005); como filosofia, produzindo conceitos a partir de problemas da vida, sendo esses problemas mobilizadores de produção de sentidos, como pretendem Deleuze e Guattari (2010). Trata-se de um socioconstrutivismo, pois institui um grupo-pesquisador, convida culturas de resistência para participarem de leitura de dados produzidos pelo corpo inteiro, a partir de

técnicas artísticas intensificadoras das potências do inconsciente, das emoções, das sensações, da intuição e da razão, questiona o sentido da própria pesquisa. Além de um posicionamento filosófico, é “[...] uma prática específica de filosofia.” (GAUTHIER, 2005, p. 260).

Dentre suas especificidades, e como modo de fazer pesquisa, além de criar os personagens filosóficos, como um heterônimo do grupo-pesquisador (DELEUZE, 2010), conduz à produção de confetos, pois o pensamento interfere nos afetos e nos conceitos, emergem da fusão entre arte e filosofia. Portanto, os confetos referem-se aos “[...] perceptos (intensidades de percepção) estéticos e afetos criam um estar no-mundo, que já favorece a emergência de figuras sensíveis, emocionais, intuitivas e estéticas, ativas como pensamento” (GAUTHIER, 2005, p. 258). Ou seja:

Os confetos são mais do que enunciados intelectuais, são a expressão de experiências coletivas que implicam o corpo sensível, portanto, uma forma potente de pensamento que não se limita à razão. Os conceitos, portanto, podem ser poéticos e/ou metafóricos, miscigenados, interferenciais. Geralmente, anarquizam referências prévias. (PETIT; ADAD, 2018, p. 143).

Desse modo, este artigo analisa a potencialidade da abordagem sociopoética na prática de pesquisa e formação de professoras na Educação em Direitos Humanos no ensino básico, ressaltando sua perspectiva transversal de decolonialidade, democracia e arte do corpo numa estética da existência. Trata-se de um excerto do processo de uma pesquisa doutoral, interventiva e cartográfica, cujas relevâncias científica, filosófica, metodológica e formativa promovem uma espécie de desobediência epistêmica, pois sua perspectiva é descolonizadora do saber eurocêntrico, democrática e artística em contexto escolar de riscos e, estruturalmente, de violação de direitos humanos, principalmente para a população de crianças, adolescentes e jovens.

Este texto parte da análise dos princípios da Sociopoética, fazendo revezamento entre teoria e prática, por meio do qual usamos como território de análise as produções do grupo-pesquisador do processo de pesquisa doutoral, ou mesmo os resultados da pesquisa, traçando, em seguida, os passos para realização de uma pesquisa-formação sociopoética. Assim, nessa costura, fazemos uso de instrumentos de análise das narrativas extraídas dos diários de itinerância das mulheres professoras e copesquisadoras, fotografias de suas vivências e oficinas sociopoéticas de produção de dados e fontes de documentos institucionais do projeto educativo, campo de realização da pesquisa, com uso do referido

método, cartografando o pensamento e as práticas de um grupo constituído por 15 professoras da educação básica do Projeto Educativo “Mãos Dadas”, na comunidade periférica do bairro Parque Alvorada, na fronteira dos estados do Maranhão e do Piauí.

### **Princípios da abordagem sociopoética**

Ao propor a quebra da objetividade cartesiana, o caráter transversal da Sociopoética é atravessado pela teoria da complexidade, pela análise institucional e pela esquizoanálise, sendo recomendável no trabalho com educação em direitos humanos, pois, em conformidade com as orientações curriculares nessa modalidade (BRASIL, 2007, 2013), esta deve ocorrer de modo interdisciplinar e transversal. Importante dizer que a transversalidade é aqui ensejada como:

Uma dimensão que pretende superar os dois impasses, quais sejam o de uma verticalidade pura e o de uma simples horizontalidade; a transversalidade tende a se realizar quando ocorre uma comunicação máxima entre os diferentes níveis e, sobretudo, nos diferentes sentidos. Isso constitui o próprio objeto de pesquisa de um grupo-sujeito. (GUATTARI, 2004, p. 111).

A transversalidade que ocorre na pesquisa e na instituição do grupo-pesquisador nessa abordagem garante o caráter interventivo do método, ao “[...] possibilitar ao indivíduo inserir-se no grupo na modalidade de ser ouvido-ouvinte, e ter acesso através do ‘para-além’ do grupo que interpreta, mais além do que manifesta, eis a alternativa proposta à intervenção analítica de grupo” (GUATTARI, 2004, p. 114).

Gauthier (2005) dirá que a Sociopoética amplia a análise institucional, pois favorece o conhecimento crítico das instituições e a invenção de alternativas instituintes, além de provocar no grupo-sujeito, que produziu os confetos, a transformação de si, e entra em novos devires que transformam a instituição.

Sendo inspirada em abordagens inovadoras a partir dos anos de 1960 e 1970, como “[...] a análise institucional, a pesquisa-ação e pesquisa participante, pedagogia do oprimido [...]” (GAUTHIER, 2012, p. 75), a Sociopoética concentra metodologias que caracterizam o modo de pesquisar, implicada nas relações cotidianas e na militância política, ao considerar a pesquisa e a produção do saber, modos de poder, modos de intervir no mundo politicamente. Uma implicação forte na adoção desse método é sua relação com o método do brasileiro Paulo Freire desde a ideia dos “temas geradores” à dialogicidade do grupo-pesquisador.

Assim, Freire (1987, p. 56) dirá que “[...] investigar os temas geradores é investigar o pensar dos homens sobre a realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis”. Essa práxis, como categoria de Marx (1986), significa, metodologicamente, pensar a relação entre teoria e prática, dialeticamente, numa dimensão problematizadora das relações materiais de existência; e se dará pela ação dialógica, que tem por objetivo “[...] proporcionar que os oprimidos, reconhecendo o *porquê* e o *como* de sua “aderência”, exerçam um ato de adesão à práxis verdadeira da transformação da realidade injusta” (FREIRE, 1987, p. 100, grifos nossos).

Como método inovador na ciência, propicia o encontro intercultural de saberes, produzindo uma espécie de direito à cognição e de acesso a outras produções culturais excluídas pela epistemologia cartesiana europeia. Assim, quando falamos em descolonização, referimo-nos principalmente à epistêmica, pois:

A Sociopoética, em conformidade com a forma de se produzir o conhecimento em múltiplas sociedades que o Ocidente colonizou, postula que esse conhecimento deve nascer a partir da interação entre parceiros epistêmicos heterogêneos e iguais – não apenas em direitos, e sim em pertinência cognitiva. É a base da nossa prática. (GAUTHIER, 2018, p. 85).

Essa descolonização epistêmica aparece também na sua capacidade disjuntiva e transversal, estabelecendo diálogos entre o que ortodoxamente foi pensado de forma binária, bipolarizada:

Na Sociopoética multiplicamos as referenciais parcialmente incompatíveis, para que só percam aqueles que têm sede de referências. O budismo caminha com o candomblé e o ateísmo. Nietzsche com Marx e o xamanismo. Não há pensamento criador sem momento de perda de referências, de recusa de princípios, de esquecimento, como dizem os índios pataxó. É a condição da intuição de ligações inéditas, de interferências complexas geradoras de problemas, confetos e conceitos. (GAUTHIER, 2005, p. 257).

Ao provocar a descolonialidade das formas abissais de saberes, a Sociopoética faz a decolonialidade, ou seja, procura transcender à colonialidade, a face oculta da modernidade que continua operando em termos de poder (SANTOS; FACHINETTO; SILVA, 2019), uma vez que cria novos conceitos, advindos dos saberes do grupo-pesquisador, geralmente coletivos de culturas de resistência com saberes não oficiais à norma, que, no processo de produção e análise, são agenciamentos de formas de linguagens distintas que surgem da experiência do grupo e dos problemas imanentes, assim, reconhecendo que “o saber” é uma abstração da língua, que não existe mais que “o poder”, como adverte Foucault (2014). Como o poder a

Sociopoética é um saber e esse “saber é sempre contextualizado em redes semióticas envolvendo o corpo [...] os afetos, tais como são interligados em agenciamentos maquínicos [...] são críticas vivas da língua comum, que substantifica a vida, mata as diferenças e dissipa o corpo. (GAUTHIER, 2005, p. 262).

Daí, a materialidade desse poder-saber é condição para a construção da democracia, e esta, antes de tudo, tem sido negada em razão de uma ciência excludente. Como diz Jessé de Souza (2018, p. 234):

Nosso atraso real foi nunca ter realizado os aprendizados sociais e políticos que conduziram em outros lugares a sociedades mais justas e igualitárias, sem “subgente” e vidas abandonadas e esquecidas jogadas no lixo do desprezo e da humilhação cotidiana. É isso que faz com que nossa modernidade seja seletiva, excludente e doente. Para que possamos realizar esses aprendizados sociais concretos, no entanto, precisamos mudar a concepção que temos de nós mesmos e de nossa sociedade [...].

Por isso, dizemos que, na Sociopoética, os dados não são coletados, mas produzidos pelo grupo-pesquisador, a partir da experiência vivenciada. Por isso, toda pesquisa sociopoética é um percurso de formação de si e de mundo, causando transformação. Isso significa que, do ponto de vista qualitativo da pesquisa, se produz experiências, tanto estéticas como afetivas, filosóficas e científicas. Na ciência moderna isso se perdeu, e nos modos de racionalidades dominantes a experiência ficou sem logoi. Assim, a captura da experiência foi torná-la objetivada, homogeneizada, controlada, calculada, fabricada, convertida em experimento. Com isso, esqueceu-se que a experiência é impossível de objetivação e de universalização, pois a “[...] experiência é sempre de alguém, subjetiva, é sempre daqui e de agora, contextual, finita, provisória, sensível, mortal, de carne e osso, como a própria vida” (LARROSA, 2016, p. 40).

Dessa compreensão, emergem os cinco princípios da Sociopoética no processo de produção de dados. O primeiro trata da *instituição do grupo-pesquisador* e da *produção coletiva do conhecimento*, em que cada um participa ativamente da pesquisa, inclusive, dos seus devires, potencializando formas variadas de racionalidades e outras fontes de conhecimento, não racionais, emocionais, intuitivas, sensíveis, imaginativas e motrizes.

Tal princípio é fundamental à proposta que visa Educar em Direitos Humanos, pois consolida a perspectiva de educação democrática, participativa, potencializadora do grupo e das experiências coletivas. Além disso, o grupo-pesquisador assume-se como sujeito

coletivo do pensamento, como defendem Deleuze e Guattari (2010). Além do seu caráter eminentemente filosófico, é, também, político, pois trata de um plano de imanência, no qual e pelo qual a vida é problematizada, refletida e criada.

A culminância desse pensador coletivo se dá ao final da pesquisa, na Sociopoética, quando é criado o personagem conceitual. Diante do trabalho concluído, respondendo à pergunta: Quem pensou, por meio de nosso grupo, considerado um filósofo coletivo? No caso da pesquisa doutoral de que trata esta produção, constitui-se o personagem do Educar em Direitos Humanos o movimento que vai da “Mulher-Maravilha” ao “Cidadão Persi” (SILVA, 2019), personagens do grupo de pensadoras coletivas, institucionalizado na pesquisa sociopoética. Os “[...] personagens conceituais são os “heterônimos” do filósofo, e o nome do filósofo, o simples pseudônimo de seus personagens”. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 78).

Importante ressaltar que na pesquisa doutoral ora relatada, a negociação da pesquisa coletiva e compartilhada foi um dos momentos mais significativos para estabelecermos a ritualística de formação do grupo-pesquisador, escolhermos o tema-gerador, combinarmos os tempos e os lugares dos nossos encontros. Grupo-pesquisador com hífen:

[...] porque não se trata de um grupo que pesquisa, mas de um ser coletivo, que se institui no início da pesquisa como grupo-sujeito do seu devir. Gostamos de dizer que ele age na pesquisa como se fosse um único pensador, percorrido de caminhos diversos, às vezes contrários, que se encontram, tecem juntos ou divergem... (GAUTHIER, 2012, p. 78).

Na Sociopoética, as identidades individuais dissolvem-se no coletivo, desafiando o grupo a exercitar formas democráticas e coletivas de produção do conhecimento. E no caso da pesquisa com mulheres professoras, para instituímos o ser coletivo, fizemos uso da arte da escultura com o propósito inicial de que cada uma, nas primeiras produções individuais, com argila, expressassem o sentido de Educar em Direitos Humanos. Depois, pedimos que as várias esculturas fossem destruídas de modo a juntá-las em uma só, para criar algo novo do qual não se tinha o controle. A visão total foi a de mãos coletivas, de várias racionalidades, emoções, sensações.

O efeito da desconstrução da escultura individual soa como uma desconstrução de si e dos interesses individuais, como o próprio grupo afirma:

*O mais difícil foi cada um mexer na sua arte pra desmanchar e fazer a outra. O que acontecia era que cada uma perdia seu espaço. Quando você olhava sua arte estava toda desfigurada. Ninguém gosta que entre no seu espaço, naquilo que é seu, só que aí o intuito é a coletividade, é a união. Depois que a gente construiu foi que a gente percebeu a importância da união, a importância de se trabalhar juntos. E interessante é que foi uma bagunça muito grande pra nós chegarmos até ele. Quem começa vinha lá um e destruíá, tem a questão da interferência, até que nós chegamos nele e a princípio ninguém tinha muito a ideia clara do que sairia e agora a gente olhando, a gente analisando cada um colocou um pouco de si e a gente viu que construímos algo bem significativo para o grupo mesmo. (GRUPO-PESQUISADOR)*

É importante pensar sobre o poder da destruição como força criadora, pois, sem a destruição não há processo de criação. É ele que mantém a vida e a sua força. “Força que, ao se voltar a si mesma, vai além de si, para de novo voltar a si mesmo e retomar o processo criador [...] A destruição como consequência de uma superabundância da vida, é prenhe de futuro”. (DIAS, 2004, p. 137). E, dessa força destrutiva e criadora, aos poucos, a produção começa a ganhar forma e vida, expressão do pensamento coletivo, surpreendendo o próprio grupo, pois não existia um comando, um centro, apenas a comunicação das mãos interferindo na produção com argila. A escultura final foi nomeada de Cidadão Persi. E com esta experimentação consideramos o grupo-pesquisador instituído!

O segundo princípio trata da *valorização das culturas dominadas e de resistências*, principalmente no que significa pensar a partir de outras maneiras de produzir saberes não eurocêntricos, de culturas marginalizadas pela colonização capitalista. Nesse princípio, a Sociopoética deixa evidente também sua intenção epistemológica de descolonização do conhecimento, realçando a abordagem intercultural de ciência, com a valorização da diversidade de saberes, da “ecologia de saberes” (SANTOS, 2010), ao mesmo tempo em que empodera populações e culturas historicamente violadas e excluídas do campo da ciência por serem consideradas de saber menor, místicas, como é caso das culturais africanas e indígenas no Brasil, pois considera que “quanto mais desiguais forem as relações de poder e mais rígidas forem as diferenças culturais, mais limitada é a experiência sensorial dos corpos subalternos. Essa limitação é uma das armas mais eficazes dos poderes dominantes” (SANTOS, 2018, p.304). Assim, ao valorizar essas culturas, também evidencia sua postura política de defesa do princípio universal de Direitos Humanos à diversidade e à pluralidade cultural. Direitos dos fracos, como diz Gauthier (2012).

Importante destacar, neste princípio, o território cartografado no processo de pesquisa: uma comunidade periférica estigmatizada pelas violências e violações de direitos humanos, o Grande Parque Alvorada, localizado na fronteira dos estados do Maranhão e Piauí, numa escola que tem o nome de “Mãos Dadas”, justamente porque se constituiu a partir do mutirão das pessoas do bairro, de modo filantrópico. Uma das relevâncias da pesquisa foi ter dado o direito de voz, na ciência, aos saberes da experiência de culturas locais invisibilizadas. Longe do que identificam comumente as políticas públicas, quebrou estigmas ao destacar que o periférico, a escola pública e os contextos de vulnerabilidade social produzem potencialidades inventivas. A pesquisa mostrou que são capazes de criar modos alternativos de educação em direitos humanos, geralmente, concebidos de forma universalista e normativa.

Outro aspecto a ser ressaltado é o fato de o grupo-pesquisador ser constituído por mulheres educadoras da educação básica, que, a partir dos seus saberes experienciais, criaram outros modos de Educar em Direitos Humanos. Nesse sentido, há, na perspectiva de pesquisa, o reconhecimento dessas mulheres como sujeitos de saber e poder, ao mesmo passo que criam estratégias de empoderamento e protagonismos de crianças e adolescentes estudantes da periferia.

Além desses, consideramos relevantes as referências culturais que foram trabalhadas durante a intervenção nas oficinas sociopoéticas. As técnicas de produção de dados foram pensadas na perspectiva decolonial, ao tomar como dispositivo de criação a cultura africana, sobretudo, com o uso da capulana - “o tecido que fala” de grande valor cultural na sociedade de Moçambique, por exemplo, usados pelas mulheres africanas, que na tradição, significa que já pode se casar e ser mãe. Costumam usar Capulana como saias, turbantes, vestidos ou para transportar um bebê. (SILVA, 2015, p. 107). E, assim, a partir da mistura de elementos da cultura local com a africana, o coletivo de mulheres construiu a Capulana “Cirandoando”, um confeto que expressa o sentido da circularidade, de ciranda como uma roda comunitária do Educar em Direitos Humanos, tecida pela participação de todos os envolvidos no processo escolar, com o espírito da doação, do tecer juntos de mãos dadas.

O terceiro princípio – *pensar, conhecer, pesquisar e aprender com o corpo inteiro* –, busca o equilíbrio entre razão e emoção, ciente de que existem diversos saberes que não se expressam por palavras, reconhecendo que o corpo fala e que faz falar. Esse princípio

dialoga diretamente com o quarto, que privilegia as *formas artísticas de produção dos dados*, que expressam a capacidade criadora do corpo, revelando fontes inconscientes de conhecimento. Tal princípio reconhece que a ciência de viés cartesiano, ao criar binarismos entre o corpo e a mente, produziu um tipo de educação de disciplina, docilização dos corpos (FOUCAULT, 2014), despotencializando a capacidade criadora e inventiva do sujeito. Nesse sentido, há de se potencializar modos de pesquisar, de ensinar e de aprender que valorizem a vida como obra de arte, como defendem Nietzsche, Foucault e Deleuze. Assim, a Sociopoética apresenta pistas do Educar em Direitos Humanos crianças e adolescentes, em cuja fase existencial é fundamental a educação pelo corpo inteiro. Algo importante aqui, também, é a pertinência da experiência como modo de produzir conhecimentos, de criar a partir da experiência. Criar a partir do que nos toca, do que nos passa, do que nos acontece, como compreende Larrosa (2016).

É relevante destacar, neste tópico, a influência da obra Augusto Boal (1996), que mistura arte teatral e terapia. Traz para o palco a vida do telespectador e, ele mesmo, subindo ao palco, misturando-se à cena, traça o destino da peça, trazendo seus problemas pessoais e sociais. Assim, o teatro, a arte, são entendidos como domínios políticos, educacionais e psicoterapêuticos. Nessa leitura, Boal (1996, p. 42-43) corrobora a compreensão de que o “[...] ser humano é, antes de tudo, um corpo [...]”, e de que o corpo possui cinco sentidos fundamentais para a sensibilidade humana, como requer a Educação em Direitos Humanos. É preciso um corpo que exercite o sentir em tudo que toca, ouvir tudo o que escuta, ver tudo o que olha, aguçar a memória do olfato e do sabor. É preciso exercitar os múltiplos sentidos do corpo. Exercitar suas razões, suas emoções e seus sentimentos.

Na pesquisa doutoral, propiciamos várias vivências corporais com as professoras, usando referências descolonizadoras para pensar o educar. Trazemos, como exemplos, o momento das danças circulares ao redor da árvore no pátio da escola, buscando na cultura africana o dispositivo do baobá, e, assim, trazendo as memórias das trajetórias de formação e ensino, afirmando-as, ritualisticamente, ao escrever nas folhas secas caídas no chão, o que do passado se afirma no presente sobre Educar em Direitos Humanos, um modo de valorizar os saberes experienciais. Outra técnica de produção muito descolonizadora foi a construção da mandala humana, que, a partir do rolar no chão com os tecidos, construiu-se em um

objeto do Educar em Direitos Humanos. Dessa produção, foram criados muitos conceitos acerca da referida temática.

O quinto princípio destaca a *responsabilidade ética, política, poética e espiritual do grupo-pesquisador* no processo de pesquisa, possibilitando a produção de desejos, de devires (GAUTHIER, 2012), sendo a síntese dos princípios anteriores, o que possibilita, de modo especial, dado o estranhamento dessa dimensão na ciência, a ideia de pesquisar com a espiritualidade, o que envolve a relação do ser humano consigo mesmo, com os outros e com a natureza. Envolve também o cuidado das pessoas na pesquisa na medida em que “pesquisar é entender um pouco do silêncio, do mistério da morte no pesquisar, no viver, no vivenciar. Assim, a espiritualidade no pesquisar toma uma forma iniciática por meio da descoberta de que nosso saber é abertura para um não saber radical. (ADAD, 2014, p. 56).

Neste princípio, fica evidente que a linguagem assume *performance* poética que possibilita dialogar com todos os saberes; e estética (FOUCAULT, 2014), porque o corpo é político e expressa um modo de ser, a ética da existência. Isso acontece, como já ressaltamos, porque os confetos emanam da experiência da própria relação com a vida, na experiência imediata, constituindo-se em momento único que não se repete, mas se caracteriza como uma criação, uma *poiesis*. Desse modo, “[...] o original, o inovador está no que chamamos no segundo princípio forte: o princípio do esteticamente diferenciador, que traça linhas de fuga inesperadas dentro do conjunto de expressões e obras criadas” (GAUTHIER, 2003, p. 302), de tal maneira que a própria linguagem é um modo de descolonização do pensamento objetivamente cartesiano.

Com base nesses princípios, a Sociopoética produz experiência ao invés de dados, no sentido de que o dado é sempre algo manipulável. Entretanto, por uma questão de organização dos procedimentos, a análise de dados, ou seja, a análise das experiências, é realizada, tendo em vista o processo, apresentado a seguir.

### **Passos da pesquisa sociopoética**

Depois de negociada a constituição do grupo-pesquisador, momento importante, porque significa que o grupo vai se tornar parte coautora no processo de pesquisa, entendendo seus objetivos, o plano a ser executado e toda a produção são realizados por meio de oficinas, nas quais emergem, em torno de um tema-gerador e de técnicas, dispositivos artísticos, ou seja, “[...] gerador de dados não previsíveis, que permitem tocar a

afetividade e o inconsciente envolvidos no pensamento” (PETIT, 2014, p. 33). Então, realizadas as oficinas de produção, o primeiro passo é facilitar a análise do material produzido pelos próprias copesquisadoras, no caso da pesquisa a que este texto se reporta, pois, após o momento da produção dos dados, acontece o primeiro estudo, feito na hora, pelo grupo-pesquisador, dos dados coletivamente produzidos ou, se for o caso, na continuação da sessão de produção de dados.

Em seguida, os facilitadores estudam em casa, com paciência, método e rigor, os mesmos dados. Quando possível, iniciamos pela análise plástica, intuitiva, das imagens, momento em que se faz necessário fugir das representações, das palavras e das coisas inventadas (FOUCAULT, 1992, 2014) e aguçar a dimensão intuitiva, para desenvolver o ato de criação. O segundo passo é fazer a análise classificatória, que prevê delineamento das categorias, cruzamento entre as ideias de uma mesma categoria e produção de confetos.

O terceiro passo é realizar os estudos transversais, momento em que as categorias são transversalizadas, buscando as linhas de constituição do pensamento do grupo para além do tema-gerador. Um momento muito desafiador, pois, com base nas narrativas das copesquisadoras, na produção de confetos, problemas, devires, significa “[...] ligar o que a análise opôs. Obrigar-se a pensar junto o que era oposto [...] E a máquina produzida vai ser bem diferente da análise, pois os pontos decisivos são diferentes” (GAUTHIER, 2012, p. 96).

O quarto passo é a contra-análise, etapa da pesquisa que evidencia o trabalho coletivo e cooperativo do grupo-pesquisador, e o permite conhecer, confirmar, retificar, reexaminar e, especialmente, contrapor-se às análises do facilitador por meio do acesso ao texto transversal, construído com base nas narrativas das oficinas de produção de dados. Como assevera Adad (2011), isso possibilita tornar mais precisas suas reflexões, pois pode ser interessante o pesquisador oficial trazer suas análises, geralmente, muito extensas, de forma mais sintética e comunicativa.

A contra-análise é o momento de discussão, de reflexão coletiva do grupo para produzir críticas, ampliações, desdobramentos, contestações, novos problemas, confetos e até personagens inovadores. Essa é sua razão, como afirma Gauthier (2012, p. 98-99), e “[...] opera um vai e vem permanente entre cultura oral e cultura escrita [...]”. Embora não seja intenção, finalidade da Sociopoética, a experiência revelou a intensidade do caráter interventivo do método nesta pesquisa principalmente no momento da contra-análise, no

sentido de que provoca desterritorializações no corpo do grupo-pesquisador e por entender que há uma “[...] inseparabilidade entre conhecer e fazer, entre pesquisar e intervir: toda pesquisa é intervenção” (PASSOS; BARROS, 2010, p. 17). É como se colocar diante de um espelho e poder ver a própria alma.

Assim, a contra-análise é um dos momentos mais intensos da Sociopoética, pois o grupo-pesquisador se vê diante do próprio pensamento, causando efeitos profundos, como a autoanálise das práticas, percebendo limitações no pensamento do grupo, contradições, paradoxos. É o momento em que a dimensão formativa da pesquisa é mais intensa, pois mesmo sem o propósito de intervir, de formar, produz esse efeito, já que o grupo é colocado diante do próprio pensamento como analisador. Provoca pensar sobre o próprio pensamento e criar possibilidades de transformação de si, do grupo, ressoando até a instituição, em muitos casos.

Na pesquisa doutoral aqui apresentada em trechos, as narrativas das copesquisadoras comprovam a potência do método como dimensão interventiva do autoconhecimento, mudança de si. Eis um fragmento em que as copesquisadoras avaliam o texto transversal no momento da contra-análise e a experiência de vivência com o método sociopoético, e em que percebem o pertencimento à pesquisa como sua construção coletiva, quando se veem refletidas nos textos transversais, ao mesmo tempo em que se identificam com o modo de produzir saberes do método, com o caráter artístico do texto e como isso corrobora a avaliação da prática institucional. Assim, referem-se ao texto transversal na fase da contra-análise, e dizem:

*O texto está expondo mesmo a história de cada uma da escola Mãos Dadas. É essa nossa história. O texto é nosso, porque nos pertence, nós construímos juntas no coletivo. A gente percebeu essa potência. O texto poderia ser como muitos outros que nós conhecemos, que são textos, são dissertações muito técnicas e esse aqui não. É muito poético sabe. Não são respostas secas, a gente percebe sentimento. É como se a gente estivesse ouvindo novamente as pessoas, o depoimento das pessoas. É um texto que tá bem próximo a nossa realidade. E faz sempre a gente repensar na nossa prática, porque aqui o que é sempre colocado é nós estarmos sempre nessa questão do pensar, do querer mudar, querer realmente fazer a diferença pra essas crianças. E o texto faz exatamente isso de nós pensarmos nessa questão de que precisamos para estar cada momento [...] a realidade dessas crianças. E fazer eles se tornarem em pessoas melhores, eles acreditarem. Às vezes, nós despertamos nesses alunos essa questão do desejo de querer. (GRUPO-PESQUISADOR).*

Esses relatos orais das copesquisadoras evidenciam a natureza poética do método, como uma música que se repete e se diferencia e, como potência criadora, um modo de viver a pesquisa como obra de arte. Viver a pesquisa como um ritornelo, o ritmo e a melodia territorializados, como automovimento das qualidades expressivas (DELEUZE; GUATTARI, 1997, 2010). As experiências e atividades filosóficas na contra-análise entram em diálogo intensivo com o corpo todo do pensador coletivo e podem resultar, por vezes, na produção de novos conceitos e achados científicos. É relevante destacar que, na Sociopoética, todos os momentos são filosóficos, pois o próprio sujeito coletivo, o heterônimo do grupo-pesquisador, é denominado de sujeito filosófico. No caso desta pesquisa, o Cidadão Persi é o sujeito coletivo, o heterônimo do grupo-pesquisador.

### **Conclusão**

A experiência com a Sociopoética deixou evidente que, além de ser um método, também é uma abordagem filosófica e metodológica de pesquisa e ensino que produz efeito formativo, sendo um modo de transversalização dos saberes produzidos pelo grupo-pesquisador com outros saberes não reconhecidos academicamente, produzindo um conhecimento novo, que tanto altera os saberes experienciais dos que vivenciam o método, como corrobora os saberes disciplinares, institucionais, filosóficos, científicos, causando uma transformação de si e do outro pela experiência e pelas formas descolonizadoras de produção do conhecimento. Assim, faz a descolonização epistêmica e o ensaio democrático de construção do conhecimento, assegurando os direitos à cognição, principalmente aos mais excluídos social, política e cientificamente.

Desse modo, alguns aprendizados foram possibilitados nesse percurso de pesquisa-formação, como: aprender a quebrar as fronteiras e assumir o espaço do entrelugar, algo muito difícil, já que carregamos experiências formativas de pesquisa e ensino muito colonizadoras, de visão binária e cartesiana. Tivemos de atravessar muros e preconceitos e construir pontes entre o direito, a filosofia, a arte, a educação, a política e a espiritualidade, o que exigiu constantes deslocamentos conceituais, metodológicos e filosóficos e a descolonização do pensamento no próprio corpo. Tivemos que aprender a transversalizar todos esses conhecimentos, a fazer travessias entre um campo específico do saber e outro, algo que é extremamente desafiador na nossa formação.

Nesse sentido, a própria Sociopoética se afirma como caminho metodológico do Educar em Direitos Humanos crianças e adolescentes, pelo uso do corpo, da arte, da produção coletiva e democrática do conhecimento. A sua potência descolonizadora de saberes significa uma prática de intervenção na pesquisa e no ensino que produz a transformação de si e do grupo, articulando a dimensão da pesquisa, da formação e da intervenção social.

As experiências e as criações das copesquisadoras trazem como principais conceitos do que é Educar em Direitos Humanos entre crianças e adolescentes as ideias de circularidade dançante e de alacridade advindas dos elementos afrodescendente na cultura do grupo. Esse educar aparece em muitos confetos, tais como: o *educar na ciranda*, em que todos têm vez e voz e o outro é respeitado em suas diferenças; o *educar acolhida nas diferenças no/em círculo*, que passa por uma visão da escola-círculo, sendo esse o lugar de resolver os problemas; o *círculo do educar com amor*; o *educar círculo-alegria*; o *laço-abraço da convivência no círculo*; *educar saia-dançante dos Direitos Humanos*; o *Educar em Direitos Humanos Borboleta-Pipa-Brincante*, destacando a brincadeira, a leveza como princípios básicos de uma educação com crianças e adolescentes e como um direito.

Esses confetos refletem o próprio significado da Educação em Direitos Humanos criado pelo grupo-pesquisador: a “*Cirandoando*”, uma experiência coletiva de tecer, juntar, agrupar, costurar com as mãos o bem comum, doando-se, deitando, rolando no chão, envolvendo-se no processo, com várias potências de forças.

Mais uma vez, como o próprio grupo-pesquisador afirma na produção de um dos seus confetos, denominado *Educar Mãe-Africana*, Educar em Direitos Humanos significa educar e aprender com outras coisas, outros saberes que escapam às normas e aos lugares da escola. Seu poder na vida de crianças e dos adolescentes tem a força da criação. Sendo assim, a pesquisa constata a potência da Sociopoética com caminhos metodológico, filosófico, científico e formativo de intervenção nos modos de pesquisar e Educar em Direitos Humanos comunitários de forma prazerosa, coletiva, imanente nos problemas cotidianos do território escolar periférico e descolonizador da cultura de saber eurocêntrico, com valorização da cultural africana.

## Referências

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. A Sociopoética e os cinco princípios. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra H.; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (Org.). **Tudo que não inventamos é falso**: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a Sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014. p. 41-59.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Corpos de Rua**: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores. Fortaleza: RFC, 2011.

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Educação em Direitos Humanos**: Diretrizes Nacionais. Brasília: Coordenação geral de Educação em SDH/PR, Direitos Humanos, Secretaria nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2013.

BOAL, Augusto. **O arco-íris do desejo**: Método Boal de teatro e terapia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 3. ed. Trad. Peter Pal Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI. Félix. **O que é Filosofia?** 3. ed. Trad. de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI. Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 4 Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DIAS, Rosa. A vida como vontade criadora: por uma visão trágica da existência. In: FONSECA, Tania Mara Galli; ENGELMAN, Selda (Org.). **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 131-146.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987. Disponível em: <http://forumeja.org.br/files/PedagogiadoOprimido.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 28. ed. Rev. Roberto Machado. Rio de Janeiro: 2014.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GAUTHIER, Jacques Zanidê. **O oco do vento**: metodologia de pesquisa sociopoética e estudos transculturais Curitiba: CRV, 2012.

GAUTHIER, Jacques Zanidê. Metáfora e conceito em pesquisa qualitativa. **Revista de Enfermagem da UERJ**, 2003, n. 11, p. 301-306. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v11n3/v11n3a11.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2016.

GAUTHIER, Jacques Zanidê. Trilhando a vertente filosófica da montanha: Sociopoética – a criação coletiva de confetos. In: SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques; PETIT, Sandra Haydée (Org.). **Prática da Pesquisa nas ciências humanas e sociais**: abordagem sociopoética. 1. ed. São Paulo: Atheneu, 2005, p. 257-286.

GAUTHIER, Jacques Zanidê. Personagens conceituais, sociopoética e a descolonização do saber. In: ADAD, Shara Jane Costa; COSTA, Hercilene Maria e Silva. **Entrelugares**: tecidos sociopoéticos em revista. Fortaleza: EdUECE, 2018, p. 64 -101.

GUATTARI, Felix. A transversalidade. In: **Psicanálise e transversalidade**: ensaios institucionais. Aparecida: Ideias e Letras, 2004. p. 101-117. (Coleção Psicanálise Século I).

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1. ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2016. (coleção Educação: Experiencia e sentidos).

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: \_\_\_\_\_; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Líliliana da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PETIT, Sandra Haydée. Potencializando a dimensão poética da pesquisa. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (Org.). **Tudo que não inventamos é falso**: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a Sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014. p. 19-39.

PETIT, Sandra Haydée; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Ideias sobre confetos e o diferencial da Sociopoética. In: **Entrelugares**: tecidos sociopoéticos em revista. Fortaleza: EdUECE, 2018. p. 135-156.

SANTOS, Jeniffer Simpson dos; FACHINETTO, Rochele Felleni; SILVA, Rosimeri Aquino da. **Descolonizar a prática e o sexo**. Porto Alegre: Cirkula, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Portugal: Almedina, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Maria Eliene Magalhães da. **Marcadores das africanidades no ofício das rezadeiras em Quilombos de Caucaia/CE**: uma abordagem pretagógica. Fortaleza, 2015. 206f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

SILVA, Maria do Socorro Borges da. **De “mulher-maravilha” a “Cidadão Persi”**: professoras Capulana do Educar em Direitos Humanos. Fortaleza: EdUECE, 2019.

SILVA, Maria do Socorro Borges da. **Educar em Direitos Humanos de “Mãos Dadas”**: filosofia do chão, experiências e criações de professoras entre crianças e adolescentes. 318f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

SOUZA, Jessé. **Subcidadania brasileira**: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

### **Sobre as autoras**

#### **Maria do Socorro Borges da Silva**

Doutora e mestra em Educação, especialista em História Política Contemporânea e licenciada em História. Professora do Departamento de Fundamentos da Educação (DEFE) do Centro de Ciências da Educação (CCE) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa “Educação, Gênero e Cidadania” (NEPEGEI) e Observatório de Juventudes e Violência na Escola (OBJUVE). Coordenadora do Laboratório de Experiências e Criações do Educar em Direitos Humanos (LECedh/UFPI).

E-mail: [msocorrobs@ufpi.edu.br](mailto:msocorrobs@ufpi.edu.br) ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1502-1341>

#### **Shara Jane Holanda Costa Adad**

Cientista Social. Especialista em História do Piauí. Doutora em Educação. Professora do Departamento de Fundamentos da Educação (DEFE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), do Centro de Ciências da Educação (CCE) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Coordenadora do Núcleo de estudos e pesquisas “Educação, Gênero e Cidadania” e do Observatório das Juventudes e Violências na Escola (OBJUVE).

E-mail: [shara\\_pi@hotmail.com](mailto:shara_pi@hotmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7711-6325>

Recebido em: 13/08/2020

Aceito para publicação em: 03/09/2020